

FPM 41



Joaquim Moreno

06 › 15 Prefácio/Foreword

Patrícia Barbas

16 › 25 Partilhar Espaços
Públicos: Estranhamente
Familiar/Sharing Public Spaces:
Strangely Familiar

Joaquim Moreno

102 › 117 Entrevista

118 › 129 Interview

Ricardo Bak Gordon

134 › 141 Notas revisitadas
da Memória do Concurso

142 › 147 Revised Notes
to the Competition Report

192 › 198 Biografias/Biographies

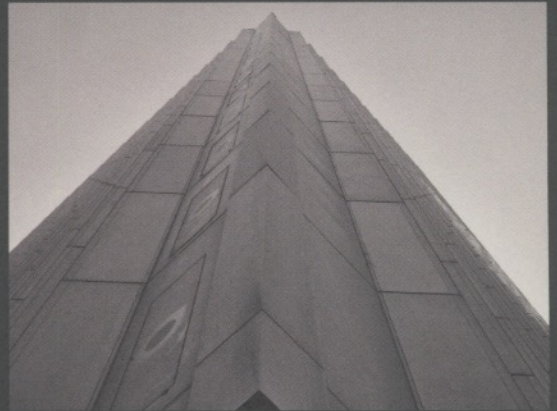
Elogio da Publicidade

In Praise of Publicity

Joaquim Moreno

PREFÁCIO / FOREWORD

Numa entrada de enciclopédia sobre a definição da esfera pública burguesa, o filósofo Jürgen Habermas relacionava a Publicidade dos actos governativos que permitia a supervisão com a Publicação dos jornais onde se constituía a opinião pública. A opinião através da qual a sociedade privada vigia a actividade do poder público, a opinião dita pública porque produto da livre assembleia de cidadãos privados desligados do poder, tornada pública pelos meios privados de comunicação de massas, dependia assim da publicidade das leis e dos actos governativos, normalmente numa forma publicada, chamada entre nós *Diário da República*. Habermas não fala de transparência, de ter paredes de vidro, nem confunde a coisa pública com nenhuma forma



In an encyclopedia entry concerning the definition of the bourgeois public sphere, philosopher Jürgen Habermas connected the Publicity of governmental acts, which allowed their supervision, with the Publication of the newspapers that shaped public opinion, i.e. that opinion whereby private society scrutinises the activities of public power, that opinion that is termed public because it is the product of the free assembly of private citizens unaffiliated with the power sphere, was thus dependent upon the publicity of governmental acts and laws, usually in the form of an official publication, such as the Portuguese *Diário da República*. Habermas does not speak of transparency or of having glass walls, nor does he confuse public affairs



Nuno Cera
Avenida Fontes Pereira de Melo 41,
2014

de voyeurismo ou regime de hipervisibilidade. Publicitar, como publicar, não é simplesmente deixar ver, é um acto construído e político de prestar contas, de existir em público, e todo o processo que a Fundação PLMJ publicita e publica neste livro é de facto um elogio desta publicidade.

Um concurso de promoção privada negociado e promovido em associação com o poder municipal, um edifício que utiliza o impulso privado para produzir espaço público, que se publicita como elemento urbano em vez de exhibir o seu interior através do vidro, com um outro concurso privado dentro, que produz um átrio privado capaz de publicitar um auditório partilhado, para uma empresa que se representa através da arte contemporânea que a sua Fundação coleciona, e que presta contas, que insiste em publicitar tudo isto nesta publicação...

with any sort of voyeurism or hyper-visibility regime. Publicising, like publishing, is more than simple disclosure: it is a structured political way of being accountable, of existing in public, and all the process the PLMJ Foundation publicises and publishes in this book is in fact a praise of that publicity. A private promotion competition that was negotiated and promoted in association with the municipality, a building that uses private investment to create public space, that publicises itself as an urban element instead of displaying its interior through glass, containing another private competition that leads to the creation of a private foyer publicising a shared auditorium, for a law firm that represents itself through the contemporary art collected by its Foundation, and then open itself to public scrutiny by publicising all that in the present publication...

Lisboa 29.02.2019

Entrevista

Joaquim Moreno

Patrícia Barbas

Ricardo Bak Gordon

O edifício de escritórios em altura, a torre de escritórios, confrontava os arquitectos de Chicago no final do século XIX com um problema completamente novo: como animar com cultura e beleza tão extraordinária acumulação de exigências cívicas, fundiárias, empresariais, técnicas e construtivas. Famosamente, Louis Sullivan respondia que a forma deste novo problema devia ser alta, espaçosa e altiva, orgulhosa da sua verticalidade, tão alta quanto possível. E que a forma de cada tipo de edifício devia identificar o seu propósito, neste caso a administração

e os negócios, que exigiam centralidade, com a consequente valorização do solo, que empurrava os edifícios contra o céu, numa verticalização tornada possível pelo elevador e pela nova técnica construtiva. A mais de um século e a um continente de distância do manifesto de Sullivan, a estrutura que propunha para este aglomerado continua a ser muito útil: uma cave para albergar as entranhas do edifício – tanto para esconder as máquinas que o fazem funcionar como para esconder as máquinas que nos transportam –, um piso térreo monumental e cívico para acolher a cidade e os usos de grande valor acrescentado, uma sobre-loja para expandir a entrada, tantos pisos quanto possível, uns em cima dos outros, uns iguais aos outros, e no fim um sótão, para o cabo do elevador dar a volta e para coroar o edifício. Mas se esta descrição e este propósito continuam pertinentes, as formas, as técnicas e os usos a que esta descrição parece ainda ajustar-se mudaram extraordinariamente; a forma ainda é reconhecível, mas as funções a que corresponde sofreram múltiplos processos de mutação.

Esta conversa é então sobre esta dualidade: a permanência da aparência e a transformação da substância, e sobre as novas correspondências entre uma e outra.



Ricardo Bak Gordon Podemos começar por aí, por debater se o edifício é mesmo uma torre, e depois perguntar como esse modelo com 130 anos que descreves chega ao velho mundo, ou em que tempo é que ele retorna ao velho mundo, porque de repente o mundo moderno e as grandes metrópoles experimentaram esses modelos, mas nós em Portugal não os chegamos sequer a experimentar, ou experimentámos muito timidamente. Temos uma cidade histórica muito consolidada, muito forte, de cariz medieval, e temos um dia em que olhámos para o moderno, que foi o dia em que nos libertámos da ditadura que entretanto nos fez a transição entre o passado histórico e o mundo moderno. No intervalo desse tempo, em que o moderno já existia, nós, pátria lusa, experimentámos esse modelo mas foi longe, a 10 000 quilómetros de distância. Uns testes em Moçambique, nas colónias, e depois, de facto, fizemos uma cidade que demorou tempo, que continua a demorar tempo a consolidar aquilo que se pode chamar a densificação de uma metrópole contemporânea. Ou seja, os exemplos verticais ficaram-se por casos muito singulares, e o que chamamos torre é um edifício com 16-17 andares, porque, à parte do Sheraton, não temos nenhum mais alto do que isso.

Patrícia Barbas As torres Vasco da Gama (145m), as São Rafael e São Gabriel (111 e 110m, respectivamente), na Expo, são mais altas que o Sheraton (91m).

RGB Porque encontramos na Expo 98 uma hipótese de fazer um território ficcionado onde já não estamos no cone de aproximação ao aeroporto. Tudo isto é um Portugal dos pequeninos... O aeroporto está no meio da cidade, serve de pretexto para reduzir a cota dos edifícios. Claro que uma parte de cidade com 1500 anos ali ao lado te faz pensar duas vezes se faz sentido colocar uma torre em cima de uma urbanidade como a de Alfama. Não há Alfama em Chicago.

PB Mas tens em Los Angeles esse exemplo: a expansão em extensão da cidade, e depois sentes a densificação e o crescimento em altura do centro de negócios.

Joaquim Moreno Por isso eu comentava que estas coisas parecem semelhantes mas são extraordinariamente diferentes... Porque as torres de Chicago, algumas também têm menos de 17 andares, e se as torres são os edifícios que são mais altos que largos, muito poucas obras de Louis Sullivan se podem chamar torres.

PB Isso é a definição do Plano Director Municipal, o edifício isolado que tem mais altura do que largura.

RGB E há outro enlace, que é a lógica empresarial, a razão de ser dessas mesmas torres. A necessidade de densificar porque há uma grande valorização do solo, a necessidade de representação, o conceito de representação ou marca, tudo coisas que chegaram a Portugal muito tardiamente, e que talvez nem tenham ainda chegado, de um ponto de vista verdadeiramente moderno. Esta torre de que estamos a falar ainda tem um sabor de experimentação, voltamos a experimentar 30 anos depois de termos feito o Sheraton, ou 50, porque entretanto passaram de facto 50 anos, mas continuamos no território da experimentação, por isso é que estamos tão entusiasmados, e bem, com este facto. É que há 30 anos, para além da Expo, que em Lisboa não aparece um edifício empresarial, de escritórios, que seja ele próprio mais alto do que largo.

JM Este edifício não tem uma lógica empresarial no sentido do *laissez-faire* de Chicago no fim do século XIX, de capitalismo da pradaria. Esta torre já reinterpreta os modelos de lógica empresarial combinada com representação cívica que se aprendem no pós-Segunda Guerra americano. Os modelos de Mies van der Rohe ou de Skidmore, Owings and Merrill, em que o emblema da lógica empresarial é a produção de espaço público, de espaço cívico. Neste caso parece uma forma importante de começar, porque é uma promoção privada de um concurso, juntamente com a administração municipal.

PB Com o apoio e a consultoria da Câmara Municipal de Lisboa. Há vários factos a salientar nesta questão do programa, porque é interessante como caso de estudo. Primeiro a conjugação entre um promotor privado que dialoga com a CML e a chama como consul-

tora externa que dá apoio, e depois um concurso por convite mas aberto a uma geração que normalmente não é chamada para este tipo de encomenda. Estou a falar de um edifício em altura, mas também estou a falar de volume de construção. O convite foi feito a sete, mas concorreram seis equipas mais ou menos da mesma geração, o Paulo David era o único um bocadinho mais velho, mas andamos todos próximos.

RGB O júri tinha como cabeça de cartaz o arquitecto-referência das gerações mais novas: Manuel Aires Mateus.

PB Que era o presidente do júri.

RGB E isto vem em paralelo com o momento que Lisboa está a viver, no qual a questão do espaço público começa a ter grande importância. Há uma administração na Câmara de Lisboa que de repente, ao cabo de muitos anos, enfrenta a temática da modernização da cidade através do lugar público.

PB E de uma grande alteração de paradigma: não são os carros a mandar na cidade, mas sim o peão.

RGB Introduzem-se projectos como Uma Praça em Cada Bairro, uma coisa muito simples mas muito revolucionária, porque é a semente de uma mudança de paradigma. Começa-se a transformar a cidade visivelmente a favor do peão e do espaço público, e a comunidade começa a olhar para a cidade como a sua casa.

PB Os lisboetas fazem hoje outra apropriação do espaço público, os jardins são utilizados como extensão do espaço do quotidiano, para montar piqueniques ou estender-se ao sol. Por exemplo, o uso do Jardim da Estrela sofreu uma grande alteração, a conquista do espaço e da relva tem sido muito curiosa de se observar.

RGB As famílias entram para lá daquela bela vedação de ferro forjado dobrado, alçam a perna e já estão num novo território, onde se estende a manta, o *déjeuner sur l'herbe* impressionista.

PB E o lugar da torre tem muita história política para trás... E muitos projectos que nunca foram para a frente, do Conceição e Silva,

do Ricardo Boffil, do Tomás Taveira ao Teotónio Pereira...

RGB E de repente a administração promove a chamada de gente jovem como forma de assegurar a qualidade do projecto. Temos alguma dificuldade em confrontar este tema, porque somos todos formados e com canudo na mão, mas de facto não somos todos iguais, como os cientistas não são todos iguais. Quando se faz uma consulta por convite com uma prévia qualificação é possível assegurar aquilo que acabou por acontecer neste concurso, em que os resultados eram maioritariamente satisfatórios. Estava-se perante projectos bons, e tratava-se de ver qual respondia melhor ao programa, e este modelo devia ser de facto tomado como exemplo para os próximos tempos, contrariando a legislação em vigor que diz que se compra pelo preço mais baixo o projecto de arquitectura.

JM Esta estratégia faz com que a energia do imobiliário e do investimento se converta em lucro urbano e em lucro profissional, em que a geração em que Portugal investiu no tempo da democracia – o grande investimento da democracia foi a educação – é posta a render a favor da qualidade urbana e profissional.

RGB Aproveitar o capital investido na educação também me parece neste caso uma atitude visionária... deveria ser uma coisa óbvia, mas aqui é visionária.

PB Para além do concurso em si, também os moldes do concurso são importantes: não pedia apenas o desenho de um edifício, mas incluía o desenho do espaço público, privado e público, que interfere directamente com a transformação da cidade naquela área. O facto de não ser possível responder apenas a um pedido de um edifício de escritórios neste lugar, a necessidade de pensar a cidade, foi uma das coisas mais estimulantes do enunciado. Foi o que nos agarrou ao concurso.

JM Regressando ao tema: é tudo igual mas mudou muito, e regressando a Chicago, ao concurso mais famoso da modernidade: o Chicago Tribune, de 1922, com 400 entradas, que pedia a torre mais bela na esquina mais valiosa de Chicago, e que requeria uma planta de rés-do-chão e uma planta tipo.

PB A relação com o chão e a repetição indefinida do espaço de trabalho.

JM Mas neste concurso existe a presença muito clara da cidade histórica, através dos limites que a inovação produz na cidade histórica. A torre Eiffel produziu o tecto de Paris: era o mais alto que se podia construir, não se podia construir mais alto que a torre Eiffel porque isso interferia com o voo eventual dos aviões. Aqui o confronto com a mecanização é também dramático: um rés-do-chão que produz espaço público, e pisos tipo até ao limite de altura imposto pelo cone de aproximação ao aeroporto de Lisboa. Isto constitui um problema urbano que precisa de uma resposta "artística", ou mais prosaicamente, formal, que seja capaz de produzir a dignidade cívica do edifício e responder às suas condicionantes técnicas.

PB Um edifício de escritórios, na maior parte dos casos privado por excelência, precisa de uma expressão pública, ao serviço da cidade. E aqui também se desenha muito perto das regras do Sullivan: interessou-nos o embasamento como toque no chão, e estávamos a desenhar a praça atrás, com grandes acertos de topografias. É com a forma como os dois primeiros pisos tocam o chão que se resolvem os *lobbies* de dupla altura. A relação com a praça, já num segundo piso, e depois a repetição dos pisos. Porque o edifício não é verdadeiramente alto, usámos o plissado como uma marcação vertical para lhe dar uma elegância que não existia nas proporções-base entre o tecto ANA e o chão de Lisboa.

RGB Há dois momentos construtivos neste edifício que ampliam o seu sentido da verticalidade: um é o volume partido em dois, o que cria relações mais dinâmicas entre as arestas e proporções mais esbeltas, e o outro a opção por uma fachada feita de linhas tridimensionais, que continuam a reforçar a verticalidade. Nesse sentido, é um caso de sucesso. Tudo isto vem da tríade base, fuste e capitel, e a única coisa que eu próprio tenho discutido naquele edifício com os nossos amigos é onde está o capitel. É fácil identificar a base e o fuste, mas será que existe um capitel? E por vezes pergunto-me se faria falta; podia ser um elemento

mínimo de remate daquela verticalidade, outras vezes parece-me muito bem assim cortado...

PB Foi cortado. São dois volumes que se juntam e o facto de o volume da 5 de Outubro ser mais baixo, desfasado, por negociações que um projecto desta dimensão sempre implica, faz por si um remate. É a lâmina rectangular que faz o fim do edifício contra o céu, e portanto não sentimos necessidade de acrescentar mais nenhum elemento.

JM Os primeiros edifícios em altura não têm o problema do núcleo e da periferia, mas quando os sistemas de comunicação vertical começam a ser preponderantes, passam a ser divididos em dois núcleos: um núcleo de serviços e outro núcleo principal dedicado à actividade dos escritórios, como o Seagram e muitas outras torres. Aqui pelo contrário o núcleo estrutural e de comunicações é central.

PB Porque a solução estrutural que nós queríamos, o que queríamos garantir como condição necessária no desenho, era ter as plantas dos inquilinos completamente livres de estrutura. E com isso responder ao que é um escritório hoje, mas também responder ao que será um escritório amanhã. E eventualmente até utilizar o edifício para outro propósito qualquer. A estrutura é um núcleo central rígido de betão que arruma elevadores, escadas, instalações sanitárias, prumadas verticais, que nestes edifícios ganham dimensões substanciais, e uma estrutura periférica metálica, muito mais esbelta, agarrada à fachada. Fizemos um edifício Invólucro e Núcleo (*Shell and Core*) e queríamos garantir que entre um e outro o espaço estava completamente desobstruído, que era o que tínhamos para oferecer para quem viesse desenhar os escritórios, nomeadamente o Ricardo: que esse espaço fosse livremente ocupado. A modulação da estrutura periférica é 1,35m, porque produzia secções de pilares bastante esbeltas e porque a modulação encaixa bem na aritmética dos gabinetes. Dois módulos dá um gabinete de uma pessoa, três módulos dá um gabinete de duas a três pessoas... e a métrica da fachada respondia assim de maneira eficaz à montagem de eventuais

divisórias. Neste tipo de edifício, a ocupação é uma abstracção.

RGB O módulo é a unidade primeira desta tipologia de edifício: se é verdade que te ocupas do núcleo e do seu perímetro, não é menos verdade que tudo isso partiu de um ADN que é uma métrica de eficácia testada, para as infinitas subdivisões que os programas possam precisar.

PB 1,35m também resolve o estacionamento, com modulação de 8,10m (6x1,35m) com os 2,70m para a largura do automóvel e os 5,50m de circulação, que configuram um parqueamento com alguma generosidade, sem fazer tudo nos mínimos e bater sempre com a porta no carro do vizinho.

RGB Mas aqui ainda é mais eficaz: em vez de dois, cada módulo divide-se em quatro, porque cada 1,35m é um triângulo, por isso dividido noutro submódulo.

PB A fachada foi de facto um dos três momentos fundamentais do nosso projecto: espaço público, a estrutura num princípio de flexibilidade máxima e a fachada como resposta à imagem do edifício, ao módulo racional que nos impusemos e a questões de conforto térmico. Para nós não fazia sentido fazer um edifício de escritório com fachada cortina, com vidros fixos e fechada para o exterior. O plissado permite por um lado orientações solares mais favoráveis da superfície envidraçada, para maior conforto de quem lá trabalha, e por outro lado o módulo opaco, que faz a protecção solar da fachada, abre módulo sim módulo não e permite a ventilação natural do espaço do escritório. Estas aberturas são controladas individualmente, mas também estão ligadas à gestão centralizada do edifício, que com o nosso clima ameno para o quente, permitirá tirar partido de arrefecimentos nocturnos no verão e ventilação cruzada.

JM Por isso dizia que, sendo muito parecido, é também muito diferente... O plissado, paradoxalmente, não podia ser uma referência mais evidente a uma cortina. E torna-se, como as cortinas, opaco através da dobra. Mas o material opaco continua a fazer um reflexo semelhante ao vidro acobreado de muitas torres de escritórios. E de facto a fachada é pendurada da estrutura dos pisos, porque a escala do edifício permite não ter exigências estruturais que

impliquem uma estrutura periférica: por isso é que pode ter uma grande consola que acolhe toda a gente no espaço cívico e cobre com a sua sombra a chegada à sua entrada principal. Digo isto porque me parece que existe aqui um grande equilíbrio de escala.

PB Não é um arranha-céus, por isso não estamos a lutar contra os ventos. Também há um grau de liberdade na altura do edifício, que não coloca certas questões estruturais, mesmo em termos de infraestruturas, não precisas de pisos intermédios para concentrar as infraestruturas, daqueles que são precisos de 20 em 20 pisos. O edifício está todo resolvido entre a cave, no piso -1, e os painéis fotovoltaicos na cobertura do piso 17.

JM É muito cosmopolita e também muito local. As janelas abrem. Famosamente as torres de escritórios não precisavam apenas de elevadores, precisavam também de portas giratórias para isolar um ambiente do outro, e precisavam de telefones para se comunicar entre pisos sem utilizar o elevador. E não tinham janelas porque a administração era feita em papel. Toda a paisagem do escritório se estruturou para a circulação da informação em papel. Eu presumo que aqui já não exista esse problema, o que é outra grande diferença. Já se podem abrir as janelas porque já não há papel para voar...

PB As nossas janelas também não provocam correntes de ar directas, são basculantes, até por questões de segurança.

JM Esta é uma história dobrada duas vezes, que já teve várias transformações que resultam numa aparência muito semelhante à velha memória com 130 anos em circunstâncias muito diferentes.

RGB O que tu estás a dizer é que há uma imagem que se tem mantido mais ou menos ao longo de 100 anos, este edifício empresarial de escritórios vertical, cujas componentes têm tido cambiantes ao longo do tempo, a Internet, o telefone móvel, o portátil, mas também as exigências físicas e tecnológicas do edificado, hoje as pessoas esperam estar em condições de térmica e acústica que não se colocavam noutros tempos, etc... Eu acho que este edifício faz uma actualização das virtudes que foram sempre as desta tipologia e da sua responsabilidade cívica, mas logo a seguir acrescenta todas as valências infraestruturais e técnicas para que seja um porta-estandarte, um alto *standard* dos nossos dias.

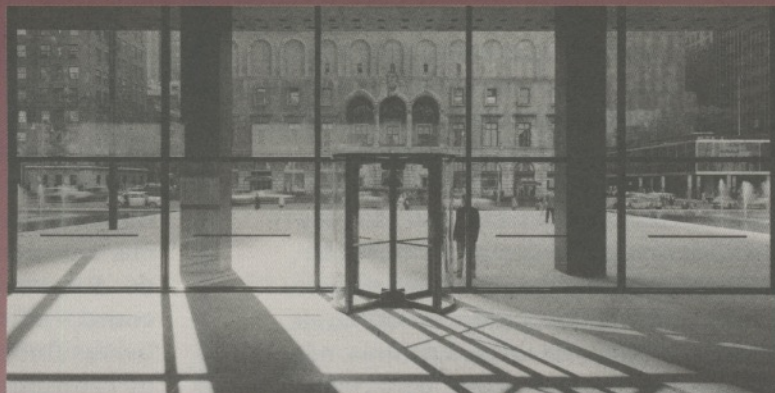
JM É isso que me parece muito importante: um edifício cosmopolita e local, o encontro cuidadoso deste edifício com a história e a circunstância, um encontro muito calmo e muito transformado. A torre de escritórios que a gente conhece não começa em Chicago, começa no pós-guerra com as barras fluorescentes, que não têm uma produção de calor impossível de resolver com o ar condicionado disponível à época. O edifício de grande profundidade, onde se instala o escritório-paisagem, *open space*, aparece no pós-guerra, quando se juntam tecnologia construtiva, lógica organizacional e sistemas mecânicos.

PB A profundidade da torre não chega à do escritório-paisagem porque as necessidades de conforto de quem lá trabalha, e a profundidade possível para a ventilação cruzada, estabelecem ali uma profundidade máxima viável. O trabalhador de escritório, há 100 anos atrás, não exigia o que se exige hoje do espaço de trabalho: luz natural, vistas, conforto. Não passar o dia inteiro sob uma luz fluorescente que simula a luz natural é um direito.

JM E entrando na segunda parte desta conversa, um dia o edifício encontra um utilizador...

RGB O edifício cumpriu uma série de etapas até saber quem é o primeiro utilizador. Já assegurou que quem venha terá um certo tipo de qualidade e funcionalidade, já assegurou que também pertence a quem não venha, porque entretanto é espaço público e representação da urbanidade e da metrópole. E foi neste debate sobre que imagem dar da cidade que muito bem se posicionou como interlocutor a Câmara Municipal, e um dia isto está feito e ainda não se sabe quem vai ser o utilizador. Neste caso, felizmente soube-se, começaram a aparecer os arrendatários, neste caso muito conscientes da opção que fizeram. A PLMJ, talvez a mais importante sociedade de advogados portuguesa, que cresceu muito, como cresceram alguns dos seus pares, e que viu nos últimos anos as sociedades de advogados crescerem e procurarem novos espaços físicos para poderem operar com maior nível de exigência e também com mais conforto, e também com mais oferta tipológica dentro do que

Mies Van der Rohe, The Seagram Building, 1958
Foto/Photo: Stoller, Ezrar (ESTO).



é o lugar de trabalho, para aquilo que são grandes quantidades de trabalhadores que passam muito tempo juntos.

JM Sobretudo a opção de mudar para o centro da cidade.

RGB Nos últimos anos assistimos a este movimento na cidade, fomos vendo escritórios de advogados que se mudaram para áreas mais ou menos periféricas, mais ou menos lúdicas: pavilhões junto ao rio, reformas de coisas mais ou menos avulsas, com um ar industrial, e de repente aparece este escritório de advogados que assume uma espécie de hiper-modernidade e ao mesmo tempo hiper-urbanidade, com uma grande vontade de participar num fenómeno que está em cima da mesa, a densificação da cidade moderna, no seu epicentro, na verticalidade e no melhor que se está a fazer dentro da torre empresarial. Não vamos ficcionar nenhuma outra aventura, vamos

para o melhor que há dentro de uma lógica de cidade densa e de hiper-urbanidade. De facto essa é a primeira grande decisão que este escritório faz e que julgo que é muito digna, porque se compreende a importância de trabalhar no centro da cidade. Todos sabemos que Lisboa está a viver uma série de sinergias que procuram a todo o momento, e bem, promover um desafio entre bairros. A Lisboa bairrista continua aí, porque agora é o Beato com as novas tendências, e a LX Factory... os bairros já não são só para as marchas populares, são também para outras marchas que estão em marcha, e o bairrismo está aí forte e rejuvenescido. Mas há um bairro onde a cidade dos serviços ainda continua muito presente e muito forte, e gostei muito de saber que a escolha tinha sido esta, porque acho que há muita nobreza nessa escolha.

JM E aconteceu uma espécie de repetição daquilo que a Patrícia já contou: se é verdade que para se

fazer bem feito foi preciso a consciência de um concurso por convites bem estruturado para que esta torre possa hoje estar aqui, a PLMJ deu seguimento a essa política e fez também um concurso de arquitectura para o projecto das suas novas instalações, convidando cinco ou seis empresas a apresentarem propostas para os cerca de 6000 metros quadrados de escritórios de que estamos a falar.

RGB

Fiquei encantado de participar neste concurso por várias razões: desde logo por poder trabalhar na torre, estar no papel do que é um utilizador de núcleo e perímetro de matriz empresarial, e que como conversámos antes, evoca um ambiente que podia ter acontecido há 100 anos atrás em Chicago, e depois fazer, em paralelo, uma reflexão sobre o que é o espaço de trabalho empresarial, o espaço da representação e da marca e ao mesmo tempo o espaço do conforto, o espaço em que hoje se trabalha muitas horas, o que implica de algum modo que este território seja agradável, prazenteiro,

Mies Van der Rohe, The Seagram Building, 1958
Foto/Photo: Gregg LeFevre



aconchegado. De algum modo comecei a olhar de fora para dentro e a questionar que torre era esta. Esta é uma torre empresarial e um arranha-céus de escritórios à nossa escala, mas também tem outros valores, como as temáticas ligadas ao requinte, a qualquer coisa para lá do essencial e do exclusivamente funcional, porque acrescenta elegância, desde a escala urbana até à escala do tacto, do toque da matéria. E também senti que havia na torre uma dimensão intemporal.

JM A história das torres é a história de uma nova personagem no drama da cidade que no entanto se perpetua por continuidade, é uma novidade que tanto podia pertencer ao passado como ao futuro...

RGB Esta torre é feita hoje, mas podia ter sido há 50 anos, e poderia ter sido feita daqui a 50 anos. É uma peça elegante, charmosa, eficaz, e sempre contemporânea, actualizada. Fiquei muito encantado porque as coisas em que acredito e gostaria de transmitir para este escritório são valores muito parecidos com aqueles que já lá estavam: é de trabalho, sim, é de trabalho de ponta, sim, mas isso não impede que seja requintado, elegante, intemporal, capaz de fundir eficácia e pragmatismo com conforto e intimidade. Foi por aí que se foram lançando as bases do projecto de *fit out* da PLMJ.

JM Intemporal porque a sucessão de espaço continua muito semelhante, mas como se relaciona a chegada de um utilizador com os espaços cívicos e comuns, com o átrio?

RGB Como já disse a Patrícia, e tu também, o edifício, este tipo de edifícios, têm uma lógica própria do piso térreo, de representatividade no contacto com a cidade, um tronco comum de serviço e um remate como coroamento, e este projecto é exactamente assim: um piso térreo marcado pela presença de dois espaços, o grande átrio da representatividade e da relação com a cidade, onde quem se aproxima de uma instituição destas deve sentir o prazer e também a notoriedade de não estar num lugar qualquer, e também um auditório, que a PLMJ tem intenção de usar muito intensamente

Henri Rousseau,
Femme se promenant dans une forêt exotique, 1905, Fond. Barnes



no seu dia-a-dia, mas também de abrir à comunidade e à cidade através de um programa de eventos culturais. O que fizemos nestes dois espaços, foi dar continuidade ao que já estava implícito no projecto da torre, materiais da mesma nobreza, da mesma tonalidade, sempre a meio caminho entre o tempo longo e a contemporaneidade, e coisas que sabemos que não têm tempo, como a marmorite de um palácio veneziano, que seguramente ficará bem na entrada de um edifício de escritórios daqui a 100 anos, e portanto há uma série de referências cruzadas com um olhar do presente mas sem ansiedade de querer fazer curiosidades ou ideias que possam ser graciosas e corram o risco de se esgotarem amanhã cedo.

JM E os espaços de trabalho, aqueles que Sullivan dizia que deviam ser todos iguais, tantos quanto possível, uns em cima dos outros?

Lina Bo Bardi,
MASP, São Paulo



RGB

Estes pisos de trabalho foram marcados por dois ou três temas: as melhores perspectivas visuais são reservadas para o *open space*, ao contrário da lógica mais comum de privilegiar os gabinetes das chefias com as melhores vistas; conseguimos propor o contrário desta lógica hierárquica: pelo contrário, os espaços amplos do trabalho colectivo são os que gozam mais das vistas. Em redor destes espaços abertos, um perímetro de gabinetes, indispensáveis, e no centro desta operação toda, uns elementos inventados, talvez a maior imagem de marca destes pisos, umas divisórias em vidro e tecido com uma coloração que varia de piso para piso, criando uma dinâmica através da experiência da comunidade PLMJ. Isto sem dispensar aquilo que hoje em dia é indispensável hoje em dia nestes espaços empresariais: espaços de descanso, copas, áreas informais, zonas de café em todos os pisos, etc.



Pinacoteca,
Palazzo Fortuny, Veneza

JM Mas mesmo a repetição de pisos por vezes necessita de momentos excepcionais de coroamento, o tal possível capitel de que falavas no início, o remate formal e o culminar funcional da experiência do edifício.

RGB O décimo-quarto piso é de facto muito excepcional, é o piso onde os dois volumes da torre se separam, o maior continuando até ao 17.º piso e o outro limitado a este 14.º andar, onde faz um grande terraço. Este piso, que ficou para a utilização exclusiva da PLMJ, é o piso nobre por excelência, e é o único, além da entrada, ao qual os visitantes da PLMJ têm acesso. Qualquer um de nós, se for ter uma reunião na PLMJ, entra no piso térreo e vai directo ao 14.º piso. Esta sociedade de advogados é conhecida também por possuir uma fundação artística, que se chama Fundação PLMJ, e que tem, desde há mais de 20 anos, uma muito ex-

tensa colecção de arte de artistas de língua portuguesa. Pintura, escultura, vídeo, e muita fotografia. Embora não fosse pedido no concurso outro programa além dos escritórios de advogados, portanto isto não é uma galeria de arte, nem um espaço para a colecção, é de facto o escritório PLMJ, mas nós percebemos que a arte tinha um papel fundamental no desenvolvimento de todo este escritório, não só no quotidiano de quem lá trabalha, mas principalmente como coisa que pudesse ter grande impacto no momento da chegada. Então reservámos como espaço de chegada no 14.º andar um espaço de galeria com 40 metros de extensão, onde oferecemos como referências duas coisas muito distintas: o palácio Fortuny de Veneza e a Galeria do MASP, de Lina Bo Bardi. O nosso imaginário estava entre estas duas coisas, por um lado uma celebração do conforto e da elegância, de ter chegado a um lugar excepcional, e ao mesmo tempo revelar a colecção de um modo surpreendente, fugir ao quadro na parede, e propor uma visita ao que podia ser uma reserva de museu, mas não numa cave, mais uma reserva no céu, muito elegante e etérea, e é por isso que aparecem uns elementos móveis que permitem a fixação e substituição de obras de arte ao longo destes 40 metros, e até aqui estamos apenas no mundo da hospitalidade, das boas-vindas a qualquer visitante. É também neste piso que, uma vez experienciada a chegada, os clientes são conduzidos às salas de reuniões, que conformam outra vez o resto do perímetro do piso, e são espaços mais formais, mas com uma condição muito extraordinária, assegurada pela própria torre: estar num dos pontos mais altos da cidade. Acrescenta-se um terraço-paisagem, que fizemos questão fosse mais do que um terraço para os bares no céu, na cobertura, tão em voga em Lisboa, com uns apontamentos vegetais. Conseguimos convencer o cliente a gastar quase metade da área mais nobre que se pode ter em Lisboa para construir de facto um jardim-floresta, um bosque nas alturas, e esse bosque ser o espaço de transição, o umbral entre o estar dentro e o estar fora. Não saís para um terraço agarrado à fachada, atravessas um bosque no céu

e chegas a um terraço onde a tua distensão mental já está para lá de tudo o que ficou para trás.

JM Olhando para a planta dos escritórios, estamos a perceber a circulação da energia, mas o que mudou radicalmente foi a circulação da informação. A planta do escritório é relativamente parecida ao que era a planta de um escritório em que a informação circulava em papel, mas agora a informação circula de outra maneira. A torre continua a ter que providenciar segmentação, não apenas flexibilidade, isolamento acústico ou segmentação infraestrutural, e o projecto para a PLMJ também tem que providenciar confidencialidade, segmentação, isolamento... A circulação de informação, que aparentemente se volatilizou com o papel, é provavelmente a mão invisível que organiza muito do projecto.

RGB Esta torre podia igualmente receber empresas de comunicação, de gráfica, de outras actividades de negócio com muito menos universos de secretismo, e partilhar informação de uma forma muito mais ligeira. Nós estamos de facto no limite máximo deste universo altamente tecnológico, e claro que não se trata apenas de exigências acústicas, e da subdivisão do espaço.

PB Todas as infraestruturas são protegidas, para não permitir picar as redes digitais. A questão da tecnologia aliada à construção tem aqui uma componente muito forte. Para além de todas as situações de conforto, também as exigências de controle do fluxo de informação. Tudo isso ganha peso, não só no desenho dos interiores mas também no desenho das prumadas verticais, tudo isso tem de ser garantido.

RGB A torre foi classificada como LEED.

PB É a certificação ambiental internacional em construção sustentável que é também uma bandeira. Um edifício de escritórios é um sorvedouro de energia por natureza, pela quantidade de pessoas e máquinas que tem, e é difícil fazer com que um edifício destes tenha uma boa *performance* energética. É difícil num edifício em altura, porque falta superfície para produzir energia. A cobertura do volume mais alto foi ocupada inteiramente por painéis fotovoltaicos, mas é uma pequena área em relação à área total. No entanto, um grande trabalho de gestão

permitiu que o edifício tenha a certificação energética A nacional e a certificação ambiental LEED Gold, e isso também comporta uma série de exigências, que os projectos, tanto do edifício como dos interiores, têm que considerar. Desde a distância de proveniência dos materiais, ao tratamento dos resíduos, a filtragem de partículas entre o exterior e o interior, a qualidade do ar, as transições entre o interior e o exterior, a produção de energia para equilibrar o consumo, o reaproveitamento das águas cinzentas dos lavatórios para abastecer as cisternas dos autoclismos, tudo isso vai somando... o que implica mais tubagem... mas um resultado final que compensa, que cumpre os princípios de sustentabilidade. O edifício tem um comportamento decente, não só na sua pele, na sua relação com a cidade, mas também no seu funcionamento diário, na sua relação com o ambiente. Esta foi também uma aventura no projecto, que ainda é muito recente no nosso universo.

JM As torres tendem a ter este problema: quanto maior o volume, menos área de fachada corresponde à unidade de volume.

PB A multiplicação de espaços em altura, em relação à pegada de implantação, é difícil de compensar...

RGB Em Portugal, estes temas ainda são bastante recentes: há de facto países, na Europa Central e nos Estados Unidos, onde estas questões da sustentabilidade na construção civil têm estado muito presentes, mas nós estamos a dar os primeiros passos, porque são infraestruturas que, sendo eficazes a médio prazo, custam muito dinheiro no arranque. Desde logo a captação de energia eléctrica através de painéis fotovoltaicos, que tem pelo menos 20% de retorno, com sorte. Mas também há vinte anos dizíamos dos carros eléctricos: um dia, se calhar, eventualmente, e depois apareceram uns quantos e agora são incontornáveis.

PB Mesmo a forma como se pensa o espaço público, em termos de recursos, de consumo de água para as regas, iluminação, etc...

RGB O Encontro de Davos tem pela primeira vez como ponto central a urgência e a indispensabilidade dos 7 mais ricos e dos grandes investidores darem atenção às questões

ambientais. Já não é um assunto de discussão, as coisas são mesmo muito graves.

JM A torre, um edifício feito para administrar, sempre administrou tudo, até a lógica da imagem empresarial, quanto mais densa for a construção, mais evidente a separação entre interior e exterior, e quanto mais luxuoso for o exterior, mais caro se pode alugar o interior, porque maior é a representação. A representação de uma empresa dentro de uma torre é tanto mais eficaz quanto menos se anunciar particularmente, porque não há espaço na torre para anunciar cada locatário. É a torre em si que significa o valor, que depois é activado por cada um dos locatários. A imagem do valor e a activação do valor são logo administrados e separados. É isso que a torre aluga: prestígio. E administra energia e administra imagem, uma mesma lógica de administração organiza coisas muito diferentes.

PB E administra cidade e, voltando ao espaço público e à relação do edifício com a envolvente, que para nós foi sempre o motivo de muita discussão, porque temos as Avenidas Novas, com peças importantes e classificadas: a Casa Malhoa de Norte Júnior, a Maternidade de Ventura Terra, e depois a Lisboa dos anos 70, o Sheraton e o Imaviz de Fernando Silva, que para mim sempre foram referências. No Sheraton uma coisa mais empresarial, de repetição com imagem de empresa. O projecto original eram dois Imaviz, depois é que um deles se transformou no Sheraton. O Imaviz tem uma grande delicadeza, que neste momento está um bocadinho suja com aparelhos de ar condicionado e janelas de várias proveniências, mas é muito claro o cuidado no desenho do edifício. E para nós a questão da intemporalidade era muito importante. Queríamos que o edifício que estávamos a desenhar e o tabuleiro que estávamos a colocar no chão resolvendo a área envolvente fossem capaz de resolver esta constelação, fazendo com que o edifício pudesse funcionar tanto visto da 5 de Outubro, com o primeiro plano da Casa Malhoa, do Museu Anastácio Gonçalves e da Maternidade, ou a partir da avenida, relacionando-se com o Imaviz, o Sheraton, o Saldanha Residence e o Fórum Picoas.

RGB E ainda há um terceiro aspecto urbanístico muito interessante: ao soltar-se do quarteirão, o edifício criou a famosa empena cega ou subjectiva, de que muito se falou... Eu toda a vida tive muita dificuldade em perceber qual era o problema da empena cega, no lugar onde vivo tenho no limite do jardim um paredão enorme, talvez maior do que aquele de que falamos, e de cada vez que saio ao jardim acho a parede uma coisa extraordinária... até porque reflecte luz.

PB Criou-se um novo atravessamento para o jardim, que é propriedade privada mas o desenho integrado do espaço público conseguiu assegurar a continuidade, e portanto não há, para quem usa o chão da cidade, nenhuma distinção. O chão privado ou público é tratado da mesma forma. E isto é também uma generosidade do projecto, porque o jardim podia ser o quintal da torre, e no entanto é um atravessamento público que permite uma nova entrada principal para a casa-museu, e multiplica as acessibilidades. É um vazio e um atravessamento verde que anuncia a praça-jardim atrás. Pareceu-nos um grande benefício, trazer o espaço verde público até à avenida, fazendo-o espreitar entre edifícios...

RGB O edifício permite a experiência vertical de estar por cima da cidade mas depois, ao nível térreo, o átrio com o auditório totalmente envidraçado estende-se para lá dos seus limites sobre o espaço público que a torre formaliza, desde logo no espelho de água adjacente ao limite do auditório, que cria uma paisagem urbana bastante idílica de continuidade entre o interior e o exterior. Há uma série de pequenos detalhes menos empresariais que são de salientar... referências ao Seagram.

PB O Seagram esteve sempre em cima da mesa como referência, pela sua intemporalidade e pela genialidade do gesto de recuar o edifício, o que determina a forma como se olha para ele.

JM Regressando à lógica técnica, para perceber como é através da técnica que a prática da arquitetura é permanente e tipológica. O edifício continua

a ter pisos técnicos, continua a ter tectos falsos, pavimentos elevados, mas a lógica de circulação de energia e informação debaixo do pavimento elevado é diferente de há 50 anos atrás. O que aparece agora por detrás do tecto falso são sistemas de detecção de incêndios, já não são sistemas de ventilação mecânica, são sistemas de gestão ambiental coordenada. O que aparece no piso técnico são sistemas de segmentação de informação, são servidores, não são apenas interruptores e tomadas eléctricas. A mesma circunstância espacial responde a novas exigências...

RGB Sobre isso gostava de dar uma nota: tenho consciência que os edifícios de escritórios foram perdendo, ao longo dos anos, o controle da capacidade de absorver de forma criteriosa as sucessivas necessidades técnicas e tecnológicas que iam aparecendo; a sobrecarga de que falas, ar condicionado, sistemas de detecção, sistemas antifogo, sinalética, iluminação de várias sortes, etc... Há um mundo com uma grande capacidade de destruir, quando não é muito cuidado, a espacialidade e a atmosfera interior dos espaços. É uma parafernália técnica que de repente tem muitas condicionantes. No seguimento do trabalho da Patrícia nos espaços gerais, fizemos um esforço enorme de quase começar pelas questões técnicas. Começámos o projecto, do ponto de vista técnico, por dizer: não queremos aceitar que estas múltiplas instalações ponham em causa o equilíbrio da atmosfera do espaço. Então trabalhámos com uma empresa de iluminação, a Osvaldo de Matos, uma calha técnica que incorporou todas as infraestruturas: a iluminação, a iluminação de emergência, a insuflação do ar condicionado, a extracção do ar condicionado, as detecções de incêndio, os *sprinklers*, a sinalética... tudo incluído neste sistema operativo que é aplicado no tecto, ao ritmo do pilar da fachada, muito em sintonia com a pulsação natural do edifício, e com isso conseguimos evitar elementos avulsos nos tectos e proteger o plano de tecto, tantas vezes ainda mais importante para a continuidade dos espaços abertos que o plano do chão. Uma vez resolvido este problema com eficácia e elegância, estás mais à vontade para compor o espaço como se estivesse a falar de uma casa. A marca muito expressiva da infraestrutura desaparece e deixa de ser um tema.

PB

E ainda, em relação aos 100 anos atrás de que falávamos, a quantidade de cablagem que anda no pavimento e no tecto nos dias de hoje é muito maior. Todas as camadas de protecção e de controle, de informação, de ar... e têm um peso gigantesco tanto no edifício como no interior. É sempre um factor determinante que é preciso ser decidido à partida.

RGB

E é um momento em que o edifício é profundamente moderno: a forma segue a função, e qual é a função? É ser um espaço monumental, empresarial e cívico... e a forma escamoteia a imagem tecnológica de pôr as entranhas à vista e segue a função essencial do edifício, de promoção mista, produzir uma urbanidade cosmopolita e dignificada para os seus utilizadores e ter uma contribuição positiva para a cidade; neste sentido ele é, paradoxalmente, muito moderno. Ao contrário de muitas outras torres, algumas recentes, que enfatizam as suas entranhas, a sua componente tecnológica.

PB

A questão da tecnologia está sempre em crise, tudo fica muito depressa obsoleto. Por isso, parece-nos um pouco absurdo fazer com que a tecnologia tenha uma grande expressão no desenho do edifício, porque o que é hoje não será amanhã. O desenho tem que ser mais do que a circunstância presente. E a tecnologia não tem que ser escarrapachada no edifício: pode ser, e é, uma coisa natural.

RGB

Estamos, em Portugal, a meio caminho de poder explorar estes temas. A distância entre um piso e o outro, que num edifício destes com um grande vão representa um entrepiso infraestruturado com uma escala enorme, e nós não estamos ainda preparados para perceber que isso também tem consequências na verticalidade. Que num edifício destes não se divide a altura do edifício por três para saber quantos pisos tem. Os promotores precisam de perceber isto, de medir em metros cúbicos, pois é preciso mais um metro cúbico para isto ficar bem do ponto de vista infraestrutural, porque quando fica apertado é difícil, como neste caso, em que ainda sentimos por vezes que o espaço para infraestruturas não chega, e já estamos em quatro metros entre pisos.

PB

Comparativamente, com a mesma altura do Imaviz, temos muito menos pisos, exactamente pela necessidade de passar infraes-

truturas. E se fossem 4,5m de piso a piso seria melhor, e o ideal até seriam 5 metros entre pisos, para fazer as coisas fluírem sem dor.

JM

Enfatizo as questões históricas, tecnológicas e tipológicas para tornar claro que este edifício, além do ganho cívico e do ganho empresarial, tem um ganho laboratorial para a prática da arquitectura: este edifício é de facto um laboratório, e ter este espaço de experimentação é um ganho para a profissão.

RGB

Este edifício tem também a virtude de chamar a atenção, até a nós como arquitectos, que para fazer tecnológico não precisamos de pôr de lado a visão poética da arquitectura que partilhamos. Até há pouco tempo atrás, quando andávamos na escola, estavam os *High-Tech* de um lado e o regionalismo crítico do outro, mas isso acabou. Podemos ser os mesmos, e este edifício é uma grande lição naquilo que é juntar a visão poética e a técnica e a tecnologia.

FPM 41

Coordenação Geral / General Coordination:

Patrícia Dias Mendes (Directora da Fundação PLMJ)

Textos / Texts: Joaquim Moreno,
Patrícia Barbas, Ricardo Bak Gordon

Fotografia / Photography: Nuno Cera

Concepção Gráfica / Design: Vera Velez

Revisão e Tradução / Proofreading
and Translation: José Gabriel Flores

Impressão / Printing: Maiadouro

Edição / Edition: Fundação PLMJ

Tiragem / Copies: 2500

2019